

Notícias de Guimarães

Ano 18.º N.º 886
GUIMARÃES 23 de Janeiro de 1949
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313
Comp. e Imp., Minerva Vimaraneza. Tel. 4177
Vicado pela Câmara. Avença

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Orgulho e vaidade

Induz-nos o bom senso a nunca esquecer certas particularidades inerentes à própria natureza humana, ao visar imperfeições individuais e colectivas. Vivemos sobre injunções de três grandes factores: um interno, que deriva da nossa constituição e temperamento; um espiritual, dependente das influências e que a tradição e educação nos imprimem; e o terceiro, adstrito à influência do meio físico e social, sejam sobretudo, os sentimentos e as tendências da época. Assim considerando, impõe-se-nos certa intransigência no tocante a particularidades e excentricidades de hábitos e de conduta. A civilização, contrariando e embaraçando a satisfação do instinto, estabeleceu contradições singulares que actuam, des-norteadoramente, sobre todos os indivíduos, obrigando-os a normas influenciadas por mentiras e hipocrisias convencionais. Submetidos a contingências abroqueladoras de interesse individual e da espécie, os homens como as rochas, expõem-se a súbitas e progressivas erosões demolidoras. Felizes os que, graças a sólido fundamento constitucional e em virtude da educação e meio favoráveis, se colocam a resguardo de fraquezas, de estado de menor resistência, de affectações tolas e de escravidões absurdas.

Vaidade, orgulho, presunção, são três palavras indicativas da mesma doença ou fraqueza de alma. Tais são as tradições a que estamos sujeitos, que bem poucos se apercebem da realidade e da vida, da inanidade das demonstrações de superioridade, têm senso bastante para não se perderem em preocupações personalistas, que são ridículas nuns e dignas de piedade noutras.

Bem raros viventes podem, pois, considerar-se indêmnos à acção obsedante de um destes males, mas nenhum poderá afirmar, em sã consciência, nunca ter sofrido traição de um deles. Há sempre lugar para uma vaidade, motivo para um orgulho, ou para uma opinião lisongeira sobre si mesmo. Não fosse o homem, homem e a mulher, mulher. Daí não se pretenda, porém, que devido a uma traição momentânea nos tornemos escravos de uma das referidas affectações mórbidas. Só se sujeita ao domínio da fatuidade, da vã glória, da ostentação, quem é débil de inteligência ou fraco de espirito.

A vaidade, infelizmente, acha-se tão arreigada no coração do homem, que até os calceteiros se vangloriam do ofício e pretendem ter admiradores, invejando uns as mais insignificantes vantagens que outros disfrutam. Durante as horas de folga, ou mesmo durante o trabalho, fala cada um de si, gabando-se dos seus feitos, das suas capacidades, das suas vantagens, cada qual querendo subir mais aos olhos dos outros, do mesmo modo que o rico fazendeiro se ufana dos seus domínios, o abastado capitalista das suas propriedades e riquezas acumuladas e os homens de cultura, dos seus méritos, talentos e glórias.

Não devemos admirar nem estimar os homens que sempre se louvam e dizem bem de si, e que são os heróis da própria história, como disse Lord Chasterfield. Cativem-nos, ao contrário, os que se esforçam por falar pouco de si, por esconder seus méritos, enquanto exalçam os de outros, sem contudo deixarem de reconhecer o seu valor pessoal.

Por timidez mórbida, muitos indivíduos não sabem ser altivos, mesmo quando em defesa da sua própria dignidade. Ser modesto não implica ser humilde, exagerando a inferioridade, como ser altivo não implica julgar-se superior aos outros por vantagens de nascimento, de talento, de fortuna. Na expansão da nossa personalidade devemos guardar a justa medida, não exagerando qualidades nem defeitos, porque de nada valem fatuidades de aparência, quando temos o juízo do nosso foro íntimo para nos desmentir e a força do tempo para esmagar as veleidades odiosas de nosso orgulho, vaidade e presunção.

São estes três sentimentos, reflexos de fraqueza, estultice e mesmo demência, que vêm arrastando os homens no lodo da indignidade e da miséria sociais, gerando ambições, discórdias, hipocrisias e crimes. Pela defesa de um orgulho mórbido quebram-se amizades ou cometem-se delitos; por uma vaidade tola, arrasta-se um indivíduo à abjeção, de uma venalidade ou de uma baixeza; por uma presunção idiota, tornam-se ridículos, fátuos e desprezíveis, muitas vezes indivíduos inteligentes e cultos.

Vitória Sport Club

Na penúltima segunda-feira, efectuou-se, na sede desta agremiação vimaraneza, a anunciada Assembleia Geral dos Sócios, para tratar de diversos assuntos, entre os quais eleger a sua nova Direcção, que ficou constituída da seguinte forma:

Assembleia Geral — Presidente, Aprigio Neves de Castro; 1.º Secretário, António Urgezes dos Santos Simões; 2.º dito, Eng.º Helder de Lemos Rocha.

Conselho Fiscal — Dr. João Mota Prego de Faria Eng.º Alberto Ribeiro da Costa Guimarães e António Pimenta.

Direcção — Presidente, Antero H. da Silva; Vice-Presidente, Dr. Manuel Pinto dos Santos; 1.º Secretário, Alberto Carlos Abreu; 2.º dito, Diamantino A. Soares Mourão; Tesoureiro, João Mendes de Oliveira; Vogais,

CAMINHOS DE FERRO

Estiveram nesta cidade os Engenheiros da C. P. Srs. Campos Henriques, sub-director; Lima Rego, director dos Serviços de Exploração e Visconde de Ermida, assim como outros funcionários categorizados, que vieram proceder a experiências com uma Auto-Motora para serviço na linha Porto-Guimarães-Fafe.

Manuel Cardoso do Vale e António de Pádua de Magalhães Ribeiro.
Suplentes — Mário Monteiro Dias de Castro e Francisco Ribeiro de Castro.

Ideal

*Ideal! ideal! inda és comigo,
Que eu bem te sinto aqui no coração...
... Mas nós estamos velhos, velho amigo,
E que velhinha está nossa Paixão!...*

*Deixai-me recordar, ver se consigo
Reviver o passado da Ilusão...
Ver, de vista cansada, se lobrigo
A nossa verde-rubra Exaltação...*

*Deixai-me ver o Povo, a rua inteira,
A Legião que adoro, a verdadeira
Força caída aos pés da impiedade...*

*Deixai-me ser um velho ativo e forte:
Eu não quero algemada a minha morte,
Quero morrer de pé com liberdade.*

Janeiro de 1949.

DELFINO DE GUIMARÃES.

O BANQUETE DE HOMENAGEM ao Sr. António José Pereira de Lima

REALIZA-SE HOJE

Conforme está anunciado, realiza-



se, hoje, no amplo Restaurante do Teatro Jordão, o banquete de homenagem ao Ex.º Sr. António José Pereira de Lima, para o qual se encontram inscritas centenas de pessoas desta cidade e arredores, assim como de diversas localidades do país e que desse modo querem associar-se àquela manifestação que vai ser prestada ao prestimoso vimaraneza.

Presidente da Câmara

O Sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Presidente da Câmara Municipal, foi muito felicitado por motivo da passagem do seu aniversário natalício, ocorrido no dia 17.

Bispo de Silva Porto

Esteve nesta cidade o Senhor D. António Ildelfonso dos Santos Silva, Bispo de Silva Porto, que dentro de breves dias parte para a sua Diocese.

— E na justiça de Deus?, perguntou ambiguamente Maria Eugénia, como se de repente tivesse compreendido que estava também prestes a encará-la.

Com a importante soma de 20 contos 372 Esc.

que leitores e amigos nos confiaram por altura das Festas do Natal, contemplámos numerosas famílias e pessoas doentes.

Atingiu a avultada soma de **Esc. 20.372\$00**, a subscrição que abrimos nas colunas do nosso jornal em favor do Natal dos Pobres, o que nos apraz registar com a mais viva satisfação, ao mesmo tempo que queremos aproveitar esta oportunidade para publicamente manifestarmos o nosso profundo reconhecimento a todas as pessoas e instituições vimaranezas que nos prestaram, no decorrer dessa jornada, o seu mais franco e valioso concurso.

A distribuição fez-se pela seguinte forma:

35 famílias envergonhadas, a 200\$00 cada	7.000\$00
3 " " " 150\$00 "	450\$00
27 " " " 100\$00 "	2.700\$00
72 " e doentes " 50\$00 "	3.600\$00
140 pobres-doentes e aleijados, a 20\$00 "	2.800\$00
1 pobre	30\$00
198 pobres a 10\$00	1.980\$00
312 pobres a 5\$00	1.560\$00
Presos da Cadeia	100\$00
Recolhimento das Trinas e Albergues das Dominicis e de S. Crispim, 50\$00 a cada	150\$00
1 pobre.	2\$00
Soma	20.372\$00

Procurámos com a nossa distribuição beneficiar o maior número possível de pessoas e tivemos em particular atenção a sua situação e necessidades.

Fomos a casa de muitas famílias envergonhadas, de velhinhos, de aleijados, de tuberculosos, e fomos auxiliados na nossa missão por algumas senhoras e cavalheiros que todos os anos nos prestam esse valioso concurso.

Dada agora conta da distribuição feita, resta-nos dizer que os cadernos se encontram em nosso poder, podendo ser consultados por aquelas pessoas que tenham contribuído com os seus donativos para o bom êxito da nossa iniciativa.

PENUMBRAS

Desde criança, quando apenas tinha 6 anos, até à puberdade, desajustado por um ambiente familiar deficiente mantive miseravelmente com minha irmã brincadeiras incestuosas! Este amor paternal, esta aliança espúria encaminhou todo o meu procedimento num sentido vicioso, apático e associativo. Parecia-me que todos me olhavam com desprezo, e por isso acirrava o ódio como justa retribuição da minha grave falta.

Quando compreendi toda a extensão da minha culpa isolei-me completamente do mundo à procura duma paz que não encontrei. O melhor caminho que achei para o mundo exterior foi através do desejo ilimitado de aprender e conhecer tudo, de estudar, de compreender tudo... para substituir o meu sentimento de inadequação e de inferioridade pela admiração que havia de causar aos outros... como um desafio orgulhoso à sociedade odiada. Foi o teu amor que abriu um novo e esperançoso caminho para uma nova realidade, para novas afinidades. Mas encontrei-te no momento em que só servirias para mim como novo instrumento de castigo.

Um novo crime manchou as minhas mãos, onde ainda me parece sentir a viscosidade do sangue fratricida. O meu amor aumentou com o ódio a mim mesmo e com um progressivo sentimento de culpa. Agora só me julgarei devidamente castigado se tiver de chorar a perda do teu amor por mim próprio originada.

Maria Eugénia sufocada pelas lágrimas e pela dispneia apertou-lhe a mão com custo e disse com esforço: Luta heróica, luta de gigante... a tua culpa está a saldar-se. Venceremos juntos! Este nosso amor é puro e radica como o sol. A luz desfaz a treva.

Com o rosto coberto de suor, continuou: Pusete ao sol do nosso amor toda a penumbra da tua alma. O seu brilho começa a ofuscar-me... a deslumbra-me. Quero ajudar-te!

— Então não me rejeites, não me odeias? Procurava o teu ódio, o teu desprezo e começo a obter o teu perdão. Minha mãe morreu sem me ouvir. Tu tens de me ouvir. Tenho de abrir diante de alguém esta alma atormentada, que toda a vida buscava justiça. Só acreditava na minha própria justiça...

— E na justiça de Deus?, perguntou ambiguamente Maria Eugénia, como se de repente tivesse compreendido que estava também prestes a encará-la.

Ricardo continuou: Deus bem sabe que a liberdade e a responsabilidade são coisas muito falíveis. Os seus planos divinos realizam-se mais baseados na sua omnisciência e predestinação que na liberdade humana, tão falível como as suas determinantes.

Ricardo depois daquela sentida confissão, pousou na cama o seu rosto coberto pelas mãos crispadas pelo esforço que fizera e permaneceu silencioso e aniquilado.

Aquela pausa expectante, silenciosa a dar-lhe uma ansiosa sensação de euforia, uma alegria serena, santa, superior. A sua consciência agora bem aberta, inundava-se de luz, purificava-se de amor puro e radioso... Aquelle flagelo permanente da sua vida parecia afastar-se de si para muito longe, como um fantasma medonho que fugisse apavorado da sua própria prisão. Uma onda de amor sem mácula, feito de esperança, nimbado de promessas fecundas abraçou o seu coração, ferido agora pela dor e receio de a perder. Levantou repentinamente o rosto, olhou bem fixamente para ela com ar triste... duvidoso! Queria salvá-la a todo o custo, dar-lhe a sua vida se pudesse, insultar-lhe toda a seiva vivificante que lhe inundava a alma de esperanças.

Maria Eugénia ainda compreendeu que o grande milagre se tinha operado; e a enorme alegria que sentiu cristalizou-se num sorriso feliz. Última promessa, última dádiva daquele coração que viveu de amor e morria por amor.

Ricardo, perturbado, abalado, assustado por um estranho temor que o começava a invadir, escondeu novamente o rosto com as mãos. Depois, a medo, procurou a mão de M. E. e levou-a aos lábios, beijando-a com sofreguidão. Mas ao senti-la inanimada e fria, de uma frialdade pastosa, levantou-se rapidamente, fugiu para o corredor, clamando com voz abafada pelos soluços: Um médico, um médico, depressa!

Entraram todos de roldão. P.º Faustino que tinha sido chamado por Evaristo, aproximou-se do leito. Olhou piedosamente para o rosto de Maria Eugénia e, depois, erguendo mansa e lentamente os olhos

para o céu, como para acompanhar o destino certo daquela alma tão boa, abençoou o seu corpo jovem, puro e bela que a morte arrebatava na primavera da vida.

Ricardo definhava dia o dia. Aquelles olhos vivos, raiados de sangue pelas insónias, como carvões incandescentes pareciam arder com a febre que o abraçava. As faces mais escavadas ainda e mais decoradas, traduziam os permanentes jejuns do seu invencível fastio. Ia todos os dias ao cemitério, passando horas e horas esquecido junto da campa de Maria Eugénia.

Brandão andava preocupado e alarmado, pois tinha o pressentimento que em breve perderia o seu amigo. D. Clara depois que seu marido deixara morrer a filha sem assistência médica, todos os dias chorava de saudade por ela e de raiva contra Evaristo. Nunca mais teve um momento de alegria, pois Maria Eugénia encheu-lhe a casa e o coração.

O único que se sentia feliz era Evaristo, que de cada vez tinha maiores desejos de economizar, garantindo com a solidez dos rendimentos acumulados o sossego e a tranquilidade futura.

Continuava da mesma maneira a ler diariamente todos os jornais nos mesmos estabelecimentos e a dar os seus passeios costumados com o mesmo andar de equilibrista, cheio de cuidados e de saltinhos, as calças bem dobradas, apoiado à sua eterna bengala de castão de prata. Zangava-se e admoestava agora D. Clara com mais frequência por causa da sua crescente prodigalidade, principalmente quando ela às segundas-feiras dava esmola aos pobres, por alma de sua filha.

Brandão apesar dos receios e das apreensões que o amigo lhe causava vivia de cada vez mais para a sua arte. A Maria Eugénia ficava devendo toda a sua inspiração; e ela ficava devendo o que era. Tinha o seu retrato para ele tão vivo como ela própria, mas inspirado na sua morte tinha visões admiráveis do outro mundo em que não acreditava. O iluminante e fecundo sorriso de Maria Eugénia ficara-lhe como compensação consoladora. A arte era tudo para ele. Continuava por isso a pintar novos quadros com novas ideias, novas perspectivas, novas técnicas.

Um dia Ricardo pediu-lhe que o acompanhasse ao cemitério, que o ajudasse, pois já não sentia forças nem coragem para ir lá sozinho. Brandão, apesar do horror que sentia por esse local, não se negou a ir e cedeu-lhe o seu braço robusto. A caminhada foi morosa e difícil. As pernas de Ricardo, quase reduzidas à espessura dos ossos, faltava-lhes o vigor dos músculos atrofiados por inanição. Nesse dia Ricardo aparentava calma, certa atabalhoada, quase alegria. A sua imaginação prodigiosa, brilhante, comprazia-se em fantasmagóricas perspectivas.

— E na justiça de Deus?, perguntou ambiguamente Maria Eugénia, como se de repente tivesse compreendido que estava também prestes a encará-la.

Ricardo depois daquela sentida confissão, pousou na cama o seu rosto coberto pelas mãos crispadas pelo esforço que fizera e permaneceu silencioso e aniquilado.

Aquela pausa expectante, silenciosa a dar-lhe uma ansiosa sensação de euforia, uma alegria serena, santa, superior. A sua consciência agora bem aberta, inundava-se de luz, purificava-se de amor puro e radioso... Aquelle flagelo permanente da sua vida parecia afastar-se de si para muito longe, como um fantasma medonho que fugisse apavorado da sua própria prisão. Uma onda de amor sem mácula, feito de esperança, nimbado de promessas fecundas abraçou o seu coração, ferido agora pela dor e receio de a perder. Levantou repentinamente o rosto, olhou bem fixamente para ela com ar triste... duvidoso! Queria salvá-la a todo o custo, dar-lhe a sua vida se pudesse, insultar-lhe toda a seiva vivificante que lhe inundava a alma de esperanças.

Maria Eugénia ainda compreendeu que o grande milagre se tinha operado; e a enorme alegria que sentiu cristalizou-se num sorriso feliz. Última promessa, última dádiva daquele coração que viveu de amor e morria por amor.

Ricardo, perturbado, abalado, assustado por um estranho temor que o começava a invadir, escondeu novamente o rosto com as mãos. Depois, a medo, procurou a mão de M. E. e levou-a aos lábios, beijando-a com sofreguidão. Mas ao senti-la inanimada e fria, de uma frialdade pastosa, levantou-se rapidamente, fugiu para o corredor, clamando com voz abafada pelos soluços: Um médico, um médico, depressa!

Entraram todos de roldão. P.º Faustino que tinha sido chamado por Evaristo, aproximou-se do leito. Olhou piedosamente para o rosto de Maria Eugénia e, depois, erguendo mansa e lentamente os olhos

MERRY.

EM ACÇÃO DE GRAÇAS

Passando no próximo dia 25 o aniversário natalício do Rev. António Ramos, muito digno e zeloso Capelão da V. O. T. de S. Domingos, será celebrada, nesse dia, às 10 horas, na capela da mesma V. O. Terceira, uma missa solene em acção de graças. Ao evangelho subirá ao púlpito um distinto orador sagrado, terminando o acto com a bênção do SS.º Sacramento.

Com vista ao Sr. Silvino Alves de Sousa

Poeira e nada mais!

O Sr. Silvino Alves de Sousa, acusado pela fome da sua consciência, resolveu descer ao povoado, a fim de prevenir os ilustres leitores do «Notícias de Guimarães» de que, a seu tempo, esclarecerá a razão por que deixou de se entender comigo, depois de 1946. Muito gostarei que assim aconteça, pois eu também lhe proveirei o motivo que me levou a desistir de qualquer entendimento com a sua pessoa e esclarecerei a forma como repudiou a minha boa vontade de continuarmos a viver em harmonia a respeito de assuntos de Inquilinato. Para já, pergunto: Não se lembrará, o Sr. Silvino, da intimação que me mandou fazer pelo meu prezado amigo, Sr. António Caires Pinto de Madureira — em data que lhe poderei citar — ameaçando-me com uma disposição da Lei do Inquilinato, que, com certeza, contraria a consciência de sua Ex.^{ma} Esposa? Não se lembrará, o mesmo Sr., de ter dito ao meu referido amigo — quando este lhe transmitiu a minha resposta — que não lhe interessava qualquer aumento de renda, mas sim a casa devoluta? O Sr. António Madureira, pessoa incapaz de se deixar cegar pelas irreflexões do Sr. Silvino, é testemunha desse facto, o mais recente dos que se têm passado entre mim e o Sr. Silvino, acerca da casa onde, infelizmente, tenho permanecido desde o mês de Agosto de 1934, a pagar três mil escudos (3.000\$00) anuais, não obstante a mesma se encontrar inscrita na matriz com o rendimento, ilíquido, de mil duzentos setenta e quatro escudos (1.274\$00). Além disso — como poderei demonstrar — tenho feito várias despesas com a limpeza interior da mesma, pela simples circunstância do Senhorio se negar a considerar-me digno das suas obrigações. Dizem-me que o Sr. Silvino tem feito constar que, depois de me arrendar o prédio — naquele tempo com uma renda cara — mandou fazer um quarto. Se assim é, justo será que diga só a verdade, isto é, que me tinha prometido fazer isso — quando combinámos as condições do arrendamento — mas que, em vez de um aposento condigno, apenas melhorou um dos dois sótãos existentes, sem modificar a altura primitiva de um dos lados, que era e continuou a ser de 1,90 m. Igualment não mexeu no soalho, apesar do seu mau estado, nem alterou a estética da porta de entrada, que tinha e continuou a ter 1,52 m de altura e 0,70 m de largura. Se a isso se puder chamar um melhoramento importante, o Sr. Silvino está dentro da verdade; mas eu chamo-lhe o quarto das cortinas, porque as pessoas de estatura regular têm de fazer uma *revereníssima vénia* para lá entrar.

Porém, partindo da hipótese de que ficou um quarto em vez de um sócio, fui prejudicado, por outro lado, com a falta de metade do quintal e a falta de um tanque, em boas condições, o que me tem ocasionado bastantes prejuízos. Ora, se tudo isto fazia parte do contrato de arrendamento, qual a razão por que o Sr. Silvino, que apregoa *calma e serenidade*, não conta esses pormenores às pessoas que o escutam? Espero que, quando satisfizer o seu solene prometimento de esclarecer o motivo da sua lamentável atitude com a minha pessoa, não se esqueça de nenhum pormenor e, portanto, de colocar a verdade acima das suas intenções menos justas. Diz ainda que tem 15 caseiros de prédios urbanos e rústicos e que só comigo deixou de se entender. Pode ser que assim seja, mas no ajuste final de contas também essa afirmação se esclarecerá. Tratando-se de um senhorio tão amável e tão atencioso para os caseiros,

é de estranhar que certo indivíduo — a propósito de certas manobras — tivesse prometido uma promessa a N. S.^a do Sameiro, se não chegasse a ser caseiro do Sr. Silvino. Pelo menos, assim me contou pessoa acentualmente conscienciosa e honesta. Com referência à ameaça que me faz da Lei da Imprensa — que eu muito respeito e em cujas malhas não tenciono cair — cumpre-me informá-lo de que perdi o medo ao **papão** desde que me principiava a rir desse assustador fantasma, que tanto atemoriza as criancinhas. Isto quer dizer que a sua ameaça nem me assustará nem me impedirá de revelar toda a verdade, quando chegar a oportunidade do seu libelo acusatório contra mim. Então, se verá se abuso da Lei da Imprensa e de que lado está o direito e a razão, assim como da mesma forma se verificará — por meio da Imprensa ou do Tribunal — se o **jolo** se encontra na minha scara, se na do Sr. Silvino. O facto de me ter deixado sem tanque não prova que eu tenha *roupa suja para lavar*. . . O que peço ao Sr. Silvino — e com muito empenho — é que não deixe para as *Calendas Gregas* a promessa por si anunciada ao público, uma vez que só a clareza poderá ser o remate desta desinteligência, até agora agravada com o seu balofa palavriado e a sua ameaça com os Artigos 17.º e seguintes da Lei citada, onde se encontra prevista a punibilidade de delitos que, felizmente, não costumam praticar.

Tudo o que tenho para dizer será testemunhado por pessoas de inteira confiança da opinião pública vimaranesa, que, ainda melhor do que eu, o conhecem. Como vê, não se deve preocupar com o facto de eu vir a ser vítima da Lei da Imprensa e antes vá pensando em que um de nós terá de entrar no *Calvário da penitência*! Será eu? Será o Sr. Silvino? A ver vamos. E para terminar esta urgente *autópsia* à carta que dirigiu ao Sr. Director do «Notícias de Guimarães», permita-me que o aconselhe a não demorar muito tempo o seu exame de consciência de modo a poder dizer tudo quanto a mesma lhe acusar dentro do horizonte da verdade, visto que, até agora, nada mais tem feito do que espalhar poeira, muita poeira! mas daquela que pode ser portadora do vírus de certos animais que rastejam no solo. Não se limite, pois, a usar paliativos por meio dos quais pretende deturpar a realidade dos factos nem se agarre ao exemplo da toupeira, que vive oculta debaixo da terra, e aí pratica os seus danos ou prejuízos. Tenha coragem para me lançar às feras e se me provar que sou mau inquilino e que não possuo a devida autoridade moral para o enfrentar de cara levantada, nada me repugnará dar as mãos à palmatória. Todavia, não me julgo capaz de recuar perante o troar dos seus canhões. Tenho filhos e não os quero deixar herdeiros da cobardia.

Guimarães, 18 de Janeiro de 1949.

Mário de Sousa Menses.

FARPAS

Leitor, já foste algum dia A' grande Cova d'Iria, Serra d'Aire, encantadora, Pedir bênçãos, ajoelhar Cheio de fé e chorar Aos pés de Nossa Senhora?

Apalpaste o coração Duma grande multidão Nesse lugar sem igual? Já viste maior fervor Mais piedade e mais amor Em terras de Portugal?

Pois esse lugar sagrado Foi, há pouco, enxovalhado Por caneta desgraçada... E a Virgem — sempre Pura — A Mãe — fonte de ternura — Foi, sem razão, difamada!!!

Quem ofende a Mãe de Deus Ofende os nossos e os seus! Mais ninguém pode ofender! E' gente de Satanaz! Do maior crime é capaz Quem, assim, ousa escrever!

Vamos todos, portugueses, Uma, duas ou mais vezes A Fátima, ao Santuário E nas mãos ao Céu erguidas Passar vezes repetidas As esferas do Rosário!

Vamos já desagravar Quem sempre nos soube amar Libertando-nos da dor! Gritar na Cova d'Iria: Perdoa, Santa Maria! O' Virgem Mãe do Amor!

Darmos

Beneficência do «Notícias»

Transporte	70\$00
Recebemos mais do Sr. Ernesto da Silva Fernandes, do Rio de Janeiro	100\$00
A transportar	170\$00

No MEU CANTINHO

Na terça-feira, 18. Cada vez mais inconstante, é o que eu sou. Era hoje o dia de eu lembrar ao meu prestabilíssimo Joaquim Teixeira o vir na terça-feira, 25, para me levar as coisas indispensáveis à minha pensada segunda vida vimaranesa.

De Julho de 1945 a Julho de 47 era perfeita a minha resignação com as brisas de Monsul.

Mas a boa saúde, que me inspirava vida e energia, animava-me a voltar a trabalhar um poucote olhando a Penha e a confiar os meus ossos ao cemitério de Atouguia.

De Julho de 47 ao Janeiro corrente o meu anseio vimaranesense foi pertinaz.

Em Abril de 48 fiz subir ao meu quarto na V. O. de S. Domingos uma adquirida meia-cómoda.

Em 7 do corrente fiz entrar para a Residência Paroquial de S. Sebastião uma conveniente cómoda.

Nesse mesmo dia o grande Joaquim levou-me os dois lotes dos mais valiosos livros da minha estante mais queridos. Era o pronúncio da retirada.

Mas, entretanto, o coração renovou o seu atapalhar de há três anos e meio certos. A par disso, o observar da Micas e o prègar da Lena e o incutir da Mãe fizeram-me abrir os olhos pasmados e agradecidos, e levaram-me a manter-me no meu posto de descanso e conforto e carinho.

E era de novo ver o teimoso sonho de Atouguia!

E quem anda com sorte é o Joaquim: não gasta mais gasolina.

E o meu reconhecimento é sempre o mesmo. Que beleza de rapaz!

E quem é mais inconstante é o vento, ou sou eu? O meu rico Manuel mo há-de dizer.

Os Correios queriam arrasar-me. Eu procuro remar contra a maré. Ao Leitor n.º 1 e à Tripeira sempre lembrada, aqui deixo o meu agradecer e o meu retribuir aos seus amáveis cumprimentos do Natal e Ano Bom.

A maioria dos cumprimentos retribuí os nos Lares da origem.

Até poupo os Senhores dos Correios. Não concorda o Gualberto?

G.

Peregrinação à Penha

Realiza-se, no próximo domingo, uma Grande Peregrinação à Penha, para que os católicos de Guimarães possam homenagear a Mãe de Deus no decorrer de uma manifestação de Fé e desagravá-La, testemunhando-Lhe a devoção de bons filhos.

No dia 29 — Sábado, aos pés da Senhora da Oliveira, velinho solar de Santa Maria nesta sua fidelíssima Terra, Solene Adoração, às 21 horas.

No dia 30 — Peregrinação à Penha. Às 10 horas — A Presidência da Peregrinação parte de Belos Ares (S. Romão) com os peregrinos aí concentrados. De todas as freguesias do concelho, pelos caminhos mais breves, se concentrarão peregrinos na esplanada do Santuário.

Pelas 12 horas — Seguirá o andar da Virgem para a spoteose, seguindo-se Missa, Alocução e Bênção do SS. Sacramento. Tudo finalizará com a Procissão triunfal da Imagem à volta do Santuário. O andar estacionará voltado para a cidade. Será pelas 13 horas, momento solene anun-

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial
ANÚNCIO
(1.ª publicação)

Nos autos de execução sumária que o exequente António José Trindade, casado, comerciante, morador na Rua de Santo António, desta cidade, move contra o executado António Fernandes Vieira, solteiro, maior, industrial, morador no lugar da Pôça, freguesia de Ronfe, desta comarca, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda publicação deste anúncio, a citar os credores desconhecidos para, dentro do prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, virem à mesma execução deduzir os seus direitos.

Guimarães, 16 de Janeiro de 1949.

O Chefe da 2.ª Secção de processos,
Reinaldo Neto de Sousa.
Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Lobo e Silva.

Bombeiros Voluntários

O Ex.^{mo} Sr. D. José Ferrão de Tavares e Távora, num gesto que muito o nobilita, ofereceu à humanitária Corporação dos Bombeiros a quantia de Esc. 4.000\$00, tendo-a feito acompanhar do seguinte officio, dirigido ao prestimoso Comandante Honorário, Ex.^{mo} Sr. José Luís de Pina:

«Ex.^{mo} Sr. e velho amigo da minha mais alta consideração.

Há quase um ano que sofremos o gravíssimo desastre no Costado, que nos deixou aterrados e desalentados, pelos gravíssimos prejuízos que tivemos, que foram de tal ordem que durante muitos anos lhe sentiremos as consequências.

Resultam entre estas consequências de ordem económica e por causa destas não nos foi possível indemnizar dalgum modo os prejuízos que a digna Corporação dos Bombeiros ali sofreu no seu magnífico material e as despesas de gasolina, etc., etc., com a brevidade que era costume nos pagamentos das minhas dívidas. Além disto deixo pedir a V. Ex.^a a fineza de interpretar perante os Bombeiros Voluntários de Guimarães o nosso reconhecimento pelos serviços incomparáveis, pela dedicação inesquecível e pelo altíssimo altruismo que pode dizer-se... sobrehumano, que eu vi, com os meus olhos, pôr em prática, constantemente, perante um acontecimento pavoroso que marcou entre os maiores incêndios de Guimarães.

Pego-lhe, meu querido amigo, abraço por mim todos os bombeiros que ali estiveram... com o mais profundo enternecimento e com lágrimas nos olhos.

Demais creia sempre muito no seu amigo e admirador

a) José Ferrão.

A Direcção desta Associação Humanitária, resolveu, em sua última reunião, adquirir uma Ambulância, para o transporte de feridos.

A esta nova viatura, que será inaugurada no próximo aniversário, que este ano será festejado nos dias 19 e 20 de Março próximo, será dado o nome do grande benemérito da Associação «Dr. Roberto de Carvalho». Nesta mesma data será também inaugurado um novo Pronto-Socorro, a quem será dado o nome de «Comandante José de Pina», prestando-se, assim, uma merecida homenagem a dois ilustres vimaraneses.

Tanto o Pronto-Socorro, que foi desenhado pelo Comandante Honorário Ex.^{mo} Sr. José Luís de Pina, como a Ambulância, são dotados dos mais modernos requistos.

E' bem merecedores do nosso aplauso a acção que a actual Direcção dos B. Voluntários vem desenvolvendo por maneira a engrandecer a brava Corporação, de que todos tanto nos orgulhamos e cujos destinos em boa hora lhe foram confiados.

Felicitamo-lo assim como a seus pais.

Notícias de Guimarães n.º 886-23-1-1949.

A Candidatura do Sr. General Norton de Matos

Foi muito concorrida a sessão de propaganda promovida pela Comissão Concelhia da Candidatura, realizada no Teatro Jordão no dia 15

Realizou-se no penúltimo sábado no amplo Teatro Jordão, que se achava repleto de pessoas de todas as camadas sociais desta cidade e de outras localidades, entre as quais se viam numerosas Senhoras, a anunciada sessão de propaganda eleitoral, promovida pela Comissão Concelhia da Candidatura do Sr. General Norton de Matos, que decorreu num ambiente de grande fé republicana.

Presidiu à sessão o antigo deputado e presidente da Câmara Municipal de Guimarães Sr. Dr. Mariano Felgueiras, secretariado pelos Srs. Major Miguel Ferreira, Presidente da Comissão Distrital dos Serviços de Candidatura e Dr. Armando Rodrigues, delegado do Sr. General Norton de Matos.

Em lugares reservados, no palco, viam-se ainda numerosas individualidades em destaque desta cidade, do Porto, Braga e outras localidades.

O Teatro apresentava vistosa decoração, com Bandeiras Nacionais flores e plantas.

Abriu a sessão o Sr. Dr. Mariano Felgueiras.

O orador começou por dizer que sendo a primeira vez que falava em Guimarães, sua terra, depois de 21 anos de ausência forçada, o seu pensamento ia antes de tudo para os malogrados companheiros de luta que, desde o 13 de Fevereiro de 1927 em que os deixou radiantes de esperança na sorte do combate que ia ferir-se, foram desaparecendo sem terem tido a consolação bem merecida de estar presentes na hora do triunfo dos seus ideais democráticos.

Teve para cada um deles palavras comovidas de homenagem e acentuando que os choros mas se não sente deprimido nem desanimado com a sua falta porque eles revivem nos novos, nas gerações que deixaram, na mocidade dos que lhes sucederam. Dirige aos novos palavras de carinho e fé no seu esforço pela Liberdade e Democracia.

Saudou as Senhoras e expôs, a seguir, os motivos da reunião.

Terminou assegurando que, concedida a liberdade e garantia do voto, a República será restaurada dentro dos princípios democráticos cujo restabelecimento reintegrará Portugal no lugar de honra que, pelo prestígio da sua História, lhe compete no convívio das nações civilizadas.

O Sr. D. Armando Rodrigues, delegado do Candidato da Oposição saudou o povo de Guimarães e fez votos pelo restabelecimento unânime e unido do povo português após o que fez alguns comentários a propósito da política actual, sendo o seu discurso interrompido.

Seguidamente é concedida a palavra ao advogado vimaranesense Sr. Dr. José Pinto Rodrigues:

Começou por salientar que, tendo 46 anos, era a primeira vez que tomava parte num acto político, porque lhe tem sido vedado fazê-lo até ao presente, em virtude de não ter aceiteado os princípios orientadores do Estado Novo, salientando que nas mesmas condições se encontram todos os inconformistas das duas últimas gerações.

Porque a Oposição não tem sido permitido intervir na Governança Pública, é que os actos, realizados de há 22 anos a esta parte, imprópria chamados eleitorais, foram mais do que enganadores na sua expressão numérica.

Comentou a afirmação, feita por um dos mais representativos elementos do Estado Novo, de que «a arte de governar é essencialmente aristocrática e o Governo só deve ser exercido por élites».

Referiu o que se passou em 1945 e o que se tem passado desde o começo do breve período de propaganda eleitoral em curso, pondo em relevo o aprumo, o civismo, a elevação com que — disse — a Oposição se tem manifestado, em contraste com os métodos de propaganda dos defensores do Estado Novo, que têm lançado mão dos mais abjectos ataques pessoais para atingir os opositoristas e, em especial, o Sr. General Norton de Matos, enxovalhando e desrespeitando de uma forma insólita, e de quem fez o caloroso elogio e cujas qualidades, que enumerou, fazem dele um verdadeiro Candidato Nacional.

Defendeu a tese de que a Oposição tem consigo a Razão, ao contrário dos adversários, que se mostram homens de Odio.

Expôs o que denominou de flagrantes contradições entre o que ora afirmam ora negam os defensores do Estado Novo, referindo-se especialmente aos conceitos de Liberdade e de Democracia e ao Sufrágio.

Profugiu a atitude dos que atacam o passado da República, passado que no seu entender não envergonha os homens públicos republicanos, nem as Instituições, sendo certo que, da-queles, os que morreram, uns finaram-se na pobreza, outros na miséria, nenhum com um centavo que não lhe tivesse advindo do trabalho pbro e honrado.

Referindo-se à generosidade republicana, de que tantos que dela beneficiaram andam esquecidos, lembrou as incursões, em que bandos de inimigos

da República, equipados e instruídos militarmente num país estrangeiro, invadiram o solo pátrio, sendo o julgamento e condenação dos responsáveis logo seguidos de amplas, totais anistias.

Ora tratava-se de coisa muito mais grave — exclama — do que simples divergências de opinião!

Diz que o País cuve, compreende e escuta a Oposição, revoltando-se contra o modo como certos dos adversários dela a combatem, chegando à suprema injúria de chamar traidores aos opositoristas.

Vibrantemente afirma: «Somos Portugueses! Amamos a Pátria e por ela e para o bem dela é que estamos onde estamos». A Oposição — disse — não carece, nem admite lições de cortezia, nem de patriotismo.

Seguidamente expôs as razões por que a Oposição apoia a candidatura do Sr. General Norton de Matos.

Comentou algumas das afirmações do Sr. Presidente do Conselho acerca do próximo acto eleitoral, e afirmou que o Governo não deverá ter nem relutância, nem receio em dar satisfação às modestas reclamações da Oposição para garantir a genuinidade do Sufrágio.

Terminou por recordar as palavras do Sr. General Norton de Matos no final do seu comunicado sobre a interpretação das disposições legais vigentes acerca da fiscalização eleitoral e por exclamar que, como democrata e português, que quer viver e morrer livre, veementemente deseja, para si e para os seus concidadãos, que o dia 13 de Fevereiro seja, uma vez mais, data gloriosa na História de Portugal.

A sessão é interrompida por uns minutos para prosseguir depois.

O Sr. Presidente da Mesa e o delegado do Candidato da Oposição pedem a assistência para que não volte a manifestar-se no decorrer da sessão.

O Sr. Cunha Coelho, de Braga lê um comunicado da Comissão Distrital da Oposição e falam depois:

Eng.^o D. Virgínia Moura, que abordou vários problemas sociais e comentou os actos da situação; António Faria Martins que, falando como bairrista aos bairristas disse conhecer a obra de Norton de Matos, em Angola e a ela se referiu. Comentou depois o que se tem passado em Guimarães, acerca de problemas de interesse para o concelho; Victor Sá, de Braga; Dr. Eduardo Balha, do Porto que fez o seu depoimento pessoal sobre o significado transcendente da hora que passa; Dr. Bento de Melo, do Porto que referendo-se à doutrina e ao programa da Oposição disse: Temos uma doutrina eterna e que perdura porque é igual ao próprio homem: o respeito que impomos e que exigimos para nós. E' nossa doutrina conseguiu que todos os portugueses vivam em Portugal como portugueses.

O Sr. Dr. Armando Rodrigues, autorizado já a fazer uso da palavra, enalteceu a forma como a assistência, soberba comportar-se e pediu ao representante da Autoridade que comunicasse ao Sr. Ministro do Interior aquilo a que ali assistira. O orador dando a palavra, novamente, a multidão, pediu-lhe que correspondesse aos seguintes «vivos»: à Liberdade, à Pátria, à Democracia e ao Sr. General Norton de Matos. Foi cantada a «Portuguesa» e as palmas estrugiram durante minutos.

O Sr. Dr. Mariano Felgueiras encerrou a sessão.

Mais sessões de propaganda

Segundo informações fidedignas estão projectadas várias sessões de propaganda da candidatura do Sr. Marechal Carmona à Presidência da República, promovidas pela Comissão Concelhia da União Nacional, a que preside o distinto Advogado Sr. Dr. João Rocha dos Santos e que terão lugar nesta cidade assim como nas vilas de Vizela e Taipas e no importante centro industrial do Pevidém.

Nessas sessões a que se procura imprimir o maior brilho farão uso da palavra diversos oradores, cujos nomes a seu tempo serão anunciados.

Transformador

VENDE-SE em estado de novo, ASEA, de 70 Kwa, para corrente de 220/380 volts, por motivo de aumento de indústria.

Dirigir-se à Fábrica de Têxteis de Vila Pouca — Guimarães.

Um posto telefónico em Lordelo

Recebemos a seguinte informação: O jornal *Notícias de Guimarães*, numa localidade do seu n.º de 29 de Novembro findo, alude à necessidade de se estabelecer um posto telefónico público em Lordelo.

Informa-nos, a propósito, a Administração Geral dos CTT de que as instalações de postos telefónicos só podem realizar-se de acordo com determinadas condições, nos termos do n.º 55 do Regulamento de exploração e tarifas da rede telefónica nacional.

Uma vez que os interessados aceitem essas condições deverão preencher e entregar na estação dos CTT da localidade a requisição modelo n.º 555 que aguardará a sua vez de ser satisfeita.

Esclarece ainda a mesma Administração Geral que a falta de material ocasionada pela guerra obrigou a alterar consideravelmente os trabalhos telefónicos e necessário se tornou por isso estabelecer normas segundo as quais se vão satisfazendo as inúmeras requisições por ordem cronológica da respectiva entrada e num ritmo que dificuldades de ordem financeira tornam infelizmente demasiado lento.

Deve no entanto acrescentar-se que tais dificuldades nada têm que ver com a recente revisão tarifária, mas dependem unicamente da contensão do empréstimo oportunamente solicitado como prolongamento do concedido ao abrigo XII da lei 1.959, e destinado à prossecução dos trabalhos de ampliação das redes telefónica e telegráfica cujo enorme encargo nunca poderia caber nas receitas ordinárias, únicas que beneficiam da referida revisão.

Lactário Municipal

Na Casa dos Pobres, onde se encontra instalado o Lactário Municipal, houve, por ocasião do Natal, uma sessão solene para a distribuição da consoada aos bebés, tendo presidido o desvelado director daquela Instituição, Sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira.

A cada um dos 30 bebés do Lactário foi oferecido um enxoval constituído por 10 peças de roupa. Procedeu à distribuição a dedicada enfermeira visitadora Sr.ª D. Maria da Conceição Cateira Ferreira do Amaral, tendo-a auxiliado nessa obra de assistência os Srs. António José Pereira de Lima, João Pereira Mendes, José Jacinto Júnior, José da Silva Gonçalves, Joaquim Laranjeiro dos Reis, Alberto Laranjeiro dos Reis e um anónimo, todos benfeitores do Lactário.

TRANSFORMADOR

Vende-se em estado de novo, marca "Aseia", de 25 kws., para corrente de 220 volts., por motivo de aumento de indústria.

Informa-se nesta redacção.

VENDEM-SE por preço barato

duas moradas de casas, em Fafe, situadas na Rua Luís de Camões N.ºs 12 e 18. Falar com Januário de Oliveira, Arco de Baulhe.

MATAR SAUDADES

Bem duro e amargo é ter de entremiar coisas picantes e sombrias com as alegres e festivas, como a da última crónica. Mas tem de ser... Como já disse, na Oliveira havia vários coreiros: além dos dois de nome João, a quem já fiz referência especial, havia um dos lados de Fafe, cujo nome não recordo, mas que é o triste protagonista do caso que hoje vem a lume. Em geral eu estava na Oliveira até à hora da refeição do meio dia, que teimo em chamar de *jantar*: até essa hora havia sempre que fazer, confessar, dar a Comunhão, resar o Breviário, etc. Claro

Anúncio

Faz-se público que por escritura de desassete de Janeiro de mil novecentos quarenta e nove lavrada a folhas oitenta e quatro e seguintes do respectivo livro número quinhentos e quarenta e dois do cartório a cargo do notário da Secretaria Notarial da comarca de Guimarães Ernesto Ramos Faisca pelos únicos sócios da sociedade por cotas Martins, Fonseca & Ribeiro, Limitada, com sede nesta cidade constituída por escritura de onze de Abril de mil novecentos trinta e nove a folhas desanove do respectivo livro número quatrocentos setenta e cinco do mesmo cartório Domingos Martins, casado, industrial, Maria Antónia de Moura Martins, solteira, maior, doméstica, ambos residentes nesta cidade foram alterados alguns dos artigos do pacto constitutivo da referida sociedade os quais passaram a ter a seguinte redacção:

1.º A sociedade continua a girar sob a firma Martins, Fonseca & Ribeiro, Limitada, com autorização expressa dos cedentes e fica com a sua sede na Rua Gravador Molarinho desta cidade de Guimarães.

2.º O seu objecto é o exercício da industria de calçado, ou outro qualquer ramo de comércio ou indústria com excepção daqueles para que é necessário autorização especial.

4.º O capital social é de cincoenta e um mil escudos, sendo a cota do sócio Domingos Martins de cincoenta mil e novecentos escudos e a da sócia Dona Maria Antónia de cem escudos.

5.º Não é permitida a cessão de cotas a pessoas estranhas à sociedade.

7.º Não poderão ser exigidas prestações suplementares. Porém só o sócio Domingos Martins poderá emprestar à sociedade, mediante o juro de oito por cento ao ano, as quantias que em Assembleia Geral dos sócios se julgarem indispensáveis.

8.º A sociedade será representada em Juizo e fora dele, activa e passivamente, pelo sócio Domingos Martins.

§ 1.º Só será gerente o sócio Domingos Martins, sem remuneração e com dispensa de caução.

11.º Os lucros líquidos que resultarem do balanço anual deduzida a percentagem de cinco por cento para o fundo de

está que às vezes necessidades imprescindíveis e forçosas me obrigavam a ir ao Largo 1.º de Maio; mas quantas vezes ia lá, e não podia entrar! E' que a nossa governanta, a Irmã Madalena, era bastante surda, e nem sempre ouvia a campanha: outras vezes estava para fora, a fazer compras ou coisa semelhante, e quem sofria era eu. Com o meu feito encolhido e retraído, fui-me aguentando como melhor pude. Podia comprar uma chave para meu uso, mas desisti, porque isso me parecia um abuso. Quem não estava com escrúpulos, era o tal coreiro de Fafe. Esse ia a casa quantas vezes lhe dava na veneta; e se adregava de não lhe abrirem a porta, voltava à Colegiada e pedia a chave ao Sr. Padre João. Este, por sua vez, quando precisava de qualquer coisa de casa, mandava de prefe-

reserva legal, enquanto não estiver realizado ou sempre que seja preciso reintegrá-lo, serão divididos pelos sócios na proporção do seu capital, sem prejuizo de qualquer outra deliberação, distribuídos no fim de cada ano, em seguida à aprovação dos balanços. As perdas, se as houver, serão suportadas pelos sócios na mesma proporção.

15.º A dissolução da sociedade pode operar-se pela simples vontade do sócio Domingos Martins.

§ único Dissolvendo-se o sociedade, ambos os sócios serão liquidatários e procederão, como entenderem.

16.º Em todo o omissio regularão as disposições da Lei de onze de Abril de mil novecentos e um e mais legislação aplicável. Ressalvo a ratura 1.º.

Guimarães, 18 de Janeiro de 1949.

O Notário, (12)

Ernesto Ramos Faisca.

Propriedade

VENDE-SE uma em Urgez, no lugar da Vaca Negra. Recebe propostas, até ao fim do corrente mês: Paulino Lobo.

Reserva-se o direito de não a entregar no caso de não convir.

Armazém de Fazendas Brancas

Passa-se com ou sem fazenda. Informa: Rua Gil Vicente n.º 16 — Guimarães. 17

ESCRITA

Aceita-se para fazer nas horas vagas (até 3 horas por dia). Respostas a este jornal a A. M. 18

Siga o nosso conselho

Para comprar Gabardines, Sobretudos, Zambrenes e Trinchinas, prefira a marca Eagle. Cores garantidas. Corte elegante.

Na CAMISARIA MARTINS a CASA DAS MEIAS. 1089

Arrendam-se os baixos do prédio no Largo da República do Brasil n.º 45, próprio para qualquer Ramo de Comércio. 9

Explicações

Pessoa devidamente habilitada lecciona a rapazes e meninas para: Curso Comercial; 1.º Ciclo do Liceu; Exame de admissão ao Curso Comercial e Liceu; 1.º e 2.º graus da Instrução Primária; Concurso para os Correios.

Pedir informações das 8 às 10 horas e das 18 às 20 horas, na Praça de S. Tiago, 28 — Guimarães. 1066

rência o tal menino bonito. Ora um dia a Providência veio em meu auxilio. O meu confessor, que era vizinho do púlpito, tinha uma pequena chave. Nunca tinha visto confessorários com chave, senão ali. Estranhei, mas rejubei, porque me pareceu que a chave era do tamanho da que abria a nossa porta no Largo 1.º de Maio. Tirei-a da fechadura, e fui fazer a experiência: abria, que era uma maravilha. «Está salva a situação!» disse com os meus botões. Mas o que eu julgava um bem, esteve a pique de causar uma enorme sensaboria, como já lhes vou contar. O escritório do meu primo era num quarto baixo e escuro, que era o único que havia depois do primeiro lanço de escadas. Era rarissimo que eu lá entrasse, embora ele estivesse sempre aberto de par-

FRANCISCO DA SILVA AREIAS, FILHOS, LIMITADA

Com sede em Covas, freguesia de Ugezes Comarca de Guimarães

Faz-se pública que por escritura de 19 de Janeiro corrente, lavrada a folhas 22 do livro n.º 430 das notas do notário desta cidade e comarca, licenciado em Direito Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas, foi constituída uma sociedade por cotas sob a firma acima indicada da qual ficaram fazendo parte Júlio Salgado Areias, solteiro, maior, Maria Fernandes Salgado Areias, emancipada e Maria da Conceição Salgado Areias, Idalina Salgado Areias, Fernando Salgado Areias e Etelvina Salgado Areias, representados pela sua mãe, Josefa Maria Salgado, devidamente autorizada pelo M.º Juiz da comarca, cujo pacto social é o seguinte:

1.º A sociedade adopta a firma Francisco da Silva Areias, Filhos, Limitada, tem a sua sede no lugar de Covas, freguesia de Ugezes, comarca de Guimarães, sendo a sua duração por tempo indeterminado, contando-se o seu inicio desde a data de um Janeiro de mil novecentos quarenta e nove, e o seu objecto é a industria de tecidos de linho e algodão, podendo ser explorado qualquer outro ramo de comércio ou industria em que os sócios acordem.

2.º O capital social é da quantia de um milhão cento e treze mil e novecentos escudos, representado por seis cotas iguais de cento oitenta e cinco mil seiscientos e cinquenta escudos, correspondentes aos capitais dos dois primeiros outorgantes e aos dos quatro menores representados pela sua mãe, estando todas elas integralmente realizadas pelas partes pertencentes a todos eles no inventário que correu seus termos no tribunal desta comarca — segunda secção — por óbito de seu pai Francisco da Silva Areias.

3.º Não haverá prestações suplementares, mas os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos que ela carecer, sem juros, conforme o deve, digo o deliberado e determinado em Assembleia Geral.

4.º A gerência, com dispensa de caução e sem remuneração, fica a cargo de todos os sócios, ficando os sócios menores representados pela sua mãe, a outorgante Dona Josefa Maria Salgado, durante a menoridade na referida gerência, ascendendo a ela à medida que atinjam a maioridade.

§ 1.º Os documentos de mero ex-

pediente poderão ser assinados por qualquer dos sócios; os de responsabilidade, para terem validade e obriguem a sociedade, etra, digo sociedade, terão obrigatoriamente a assinatura de dois sócios.

§ 2.º Nenhum dos sócios poderá assinar em nome da sociedade quaisquer documentos estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações, ficando aquele que o fizer responsável para com a sociedade pelos prejuizos que lhe causar.

5.º As cotas não poderão ser cedidas, no todo ou em parte, por qualquer dos sócios, sem prévia autorização da sociedade, a qual reserva-se o direito de opção; se a sociedade a não quiser adquirir poderá então ser cedida a estranhos, a não ser que alguns dos sócios a pretenda pelo preço que possa ser obtido de estranhos.

6.º A sociedade fica com o direito de amortizar qualquer das cotas pelo preço que, pelo último balanço aprovado, corresponda ao seu valor nominal, acrescido da parte proporcional das reservas e suprimentos feitos pelo sócio respectivo, ou reduzida, de igual parte, em qualquer diminuição, que, posteriormente no balanço que tinha havido, digo balanço tenha havido no valor activo liquido, isto quando haja acordo unânime dos sócios ou quando se haja feito penhora ou arresto sobre uma cota, ou ainda quando, por qualquer motivo se deva proceder à sua arrematação judicial.

7.º Anualmente será dado um balanço com data de trinta e um de Dezembro, devendo os lucros líquidos, depois de retirados os cinco por cento para fundo de reserva legal, ser divididos pelos sócios em partes iguais, sendo os prejuizos, se os houver, suportados na mesma proporção.

§ único Na Assembleia Geral dos sócios poderão ser criados outros fundos de reserva, se isso for julgado conveniente.

8.º Por falecimento ou interdição de qualquer dos sócios o estabelecimento social, com todo o seu activo e passivo, continuará a sua actividade com os herdeiros do falecido ou representante do incapaz, nomeando se um de entre eles para os representar na sociedade.

9.º Em tudo o que aqui for omissio vigorarão as disposições legais em vigor e applicáveis. Etrelinhei: — «menoridade». Guimarães e Secretaria Notarial, aos 19 de Janeiro de 1949.

O ajudante, (15)

Martinho da Silva.

de Fafe, de umas coisas que acerca dele ouvira aos outros coreiros, e só disse a meu primo: — Não preciso de lhe jurar que nunca peguei em cinco réis dessas gavetas, nem de outras. Mas o primo esteja sossegado, que até sábado saberá quem é o ladrão. Graças a Deus, nunca vi a Providência tão a meu lado, como nessa hora sinistra. Os outros coreiros tinham-me dito que o companheiro de Fafe comprava muitas coisas fora, brinquedos e guloseimas; e que não sabiam onde arranjava tanto dinheiro, recebendo ele o seu ganho só no fim do mês, e ganhando até menos que eles.

Ora, no sábado os pais desse coreiro vinham vê-lo conforme ele dissera; e eu achei a ocasião propicia para reunir o tribunal e condenar o verdadeiro

EXPLICAÇÕES

— Instrução primária — 1.º ano do Liceu — Curso de Comércio

Dão-se informações nesta Redacção.

VIAJANTE

Bem relacionado em Lisboa e Ribatejo aceita à Comissão, representação de Fábrica de Talheres ou qualquer artigo da industria local. Carta à Redacção deste jornal até ao dia 30, a «Cutelarias».

VENDE-SE

Fogão circular, carvão e lenha, em muito bom estado e trabalhando muito bem. Ver e tratar, Rua do Lima, 62 — PORTO.

Siga o nosso conselho

Para comprar Agasalhos, Blusas, Camisolas, Pulovers, Pijamas, Ceroulas, Meias e Peúgas de lã, o mais completo sortido, só na CAMISARIA MARTINS a CASA DAS MEIAS. 1088

§ único

Se, porém, os herdeiros do falecido ou incapaz não quiserem continuar na sociedade a sua cota será liquidada por um balanço a dar nessa ocasião, efectuando-se o seu pagamento em seis prestações semestrais e iguais, representadas por igual número de letras garantidas por fiador idóneo e acrescidas do juro anual igual ao da taxa do Banco de Portugal.

10.º As convocações das Assembleias Gerais serão feitas por cartas registadas com aviso de recepção, com a antecedência mínima de cinco dias, salvo quando a lei obrigue a outra forma de convocação.

11.º Em tudo o que aqui for omissio vigorarão as disposições legais em vigor e applicáveis.